

A COROA DE ESPINHOS DE JESUS

◆ Pe. Reinaldo Bento* ◆

No ano de 2016, uma equipe de televisão foi formada na Itália para acompanhar um fenômeno curioso envolvendo as chamadas relíquias da sagrada coroa de espinhos de Jesus. Nesse ano, a data de 25 de março coincidia com a Sexta-feira da Paixão e, como em outras ocasiões foram registrados, testemunharam-se fatos fora do comum, como mudanças de cor e de aspectos, como verdejamento, florescimento e mesmo o surgimento de uma gota de sangue na ponta de uma dessas relíquias, como em Adria. A particularidade desse ano foi a transmissão ao vivo com câmeras posicionadas em várias das igrejas que possuíam as relíquias. Das 194 registradas em 83 municípios diferentes da Itália, apenas 29 apresentaram fenômenos de natureza diversa. Para o Jubileu do ano 2000, São João Paulo II permitiu um estudo nas chamadas relíquias da paixão, permitindo constatar relações entre muitas delas.

PREPARAÇÃO PRÁTICA

Muitos escritores dos primeiros seis séculos depois de Cristo falam de uma relíquia venerada com grande devoção na forma de uma coroa de espinhos. São Paulino de Nola, depois de 409 d.C., detalha o assunto, dizendo que “os espinhos com os quais Nosso Salvador foi coroado” foram preservados junto com a cruz na qual Cristo foi pregado e a coluna na qual Ele foi flagelado (Epístola a Macário em Migne, *Patrologia Latina*, LXI, 407). Cassiodoro, por volta de 570 d.C., ao comentar o Salmo 76, mencionando que essas relíquias são a glória de Je-

rusalém, onde são preservadas, relata: “Aqui podemos observar a coroa de espinhos, que foi colocada na cabeça de Nosso Redentor para que todos os espinhos do mundo fossem reunidos sobre Sua cabeça e quebrados” (Migne, LXX, 621).

Quando Gregório de Tours, em *De gloria martyri*, relata o fato de que os espinhos da coroa ainda parecem verdes, ele também lembra que todos os dias ela parece ser composta de sarças recém-colhidas, milagrosamente, assim como o *Breviário* e o *Itinerário* de Antonino de Placência (século VI) relatam que a coroa de espinhos estava exposta na Igreja do Monte Sião na época. Esses testemunhos e outros de data posterior (a “peregrinação” do Monge Bernardo em 870 d.C., que trouxe a relíquia de volta ao monte Sião) os mais antigos da veneração dessa relíquia em Jerusalém, onde permaneceu por vários séculos.

O estudioso François de Mély sugere que a coroa só chegou a Bizâncio em 1063. Sabe-se que o imperador Justiniano I (falecido em 565 d.C.) ordenou que um espinho fosse entregue a São Germano, bispo de Paris, relíquia que ainda hoje se conserva na igreja parisiense de Saint-Germain-des-Prés, enquanto a imperatriz Irene, em 798 d.C. ou 802 d.C., enviou vários espinhos a Carlos Magno, que os colocou na igreja de Aachen para veneração pública. Oito desses espinhos estavam presentes na consagração da basílica de Aachen por ocasião da visita do Papa Leão III.

A presença do Papa na consagração é certamente uma lenda

posterior, mas a situação parece mais confirmada para as relíquias, visto que quatro delas foram doadas a São Cornélio de Compiègne por Carlos, o Calvo, em 877 d.C.. Hugo, o Grande, marquês da Nêustria, enviou uma a Athelstan da Inglaterra, rei dos anglo-saxões, em 927 d.C., por ocasião de negociações matrimoniais, e ela ainda hoje se encontra na Abadia de Malmesbury. Outra foi doada a uma princesa espanhola por volta de 1160, enquanto uma terceira foi doada à Abadia de Andechs, na Alemanha, em 1200.



A coroa de espinhos foi comprada pelo rei São Luís IX da França de Balduíno II. Atualmente, ela está preservada na igreja parisiense de Notre-Dame



Em 1238, Balduíno II, imperador latino de Constantinopla, ansioso por obter o apoio necessário para a defesa de seu império, ofereceu a coroa de espinhos a São Luís IX, rei da França. Contudo, na época, o objeto estava em posse dos venezianos, que o detinham como garantia de um grande empréstimo concedido ao imperador pela Sereníssima (13.134 peças de ouro). São Luís IX, porém, pagou o preço necessário e obteve a relíquia, mandando construir a Sainte-Chapelle (concluída em 1248) para recebê-la dignamente na França. A relíquia permaneceu nesse local até a Revolução

Francesa quando, após ter sido guardada por algum tempo na Biblioteca Nacional, posteriormente, com base na Concordata de 1801, a Igreja pôde recuperar sua posse legal, depositando-a na Catedral de Notre-Dame.

A relíquia, ainda visível hoje, está em um círculo de vidro dentro do qual se encontra uma coroa tecida com *Juncus balticus*, uma planta nativa das áreas marítimas do norte da Bretanha, da região do Báltico e da Escandinávia; espinhos presumivelmente removidos da mesma coroa ao longo do tempo são guardados em um relicário separado, mas são na verdade de *Ziziphus spina-christi*, uma planta nativa da África e do sul e oeste da Ásia. Outros relicários foram posteriormente feitos para a relíquia, incluindo um encomendado por Napoleão Bonaparte em estilo neoclássico e um neogótico encomendado por Napoleão III da França em ouro, pedras preciosas e cristal de rocha, projetado pelo artista francês Eugène Viollet-le-Duc. O Papa João Paulo II a transferiu pessoalmente da Sainte-Chapelle, onde era tradicionalmente guardada, para a Catedral de Notre-Dame durante as celebrações da 4ª Jornada Mundial da Juventude, por ocasião de sua visita à França. A relíquia permaneceu intacta após o incêndio de 15 de abril de 2019, que danificou seriamente a Catedral de Notre-Dame.

A ENCICLOPÉDIA CATÓLICA RELATA SOBRE A COROA DE ESPINHOS FRANCESA

As autoridades da Igreja concordam que os soldados romanos prepararam uma espécie de capacete

de espinhos e que essa faixa torcida era usada para manter os espinhos unidos. Segundo M. De Mély, há evidências que sugerem que, quando a coroa foi levada para Paris, ela continha sessenta ou setenta espinhos, que foram posteriormente distribuídos por São Luís e seus sucessores, separados da coroa e guardados em um relicário diferente. Nenhum deles ainda está em Paris. Alguns pequenos fragmentos de espinhos são preservados em Arras e Lyon. Quanto à origem e ao tipo dos espinhos, tanto a tradição quanto os vestígios que chegaram até nós sugerem a presença de um arbusto conhecido botanicamente como *Ziziphus spina-christi*, que pode atingir uma altura de quinze ou vinte pés e cresce em abundância ao redor de Jerusalém. Os ramos entrelaçados deste arbusto exibem espinhos curvos aos pares.

LOCAIS ONDE ATÉ HOJE HÁ RELÍQUIAS DA COROA DE ESPINHOS

Bélgica, Igreja Paroquial de Wevelgem: uma parte da coroa de espinhos (de 1561).

Bélgica, Ghent, Igreja de São Miguel: um espinho da coroa.

República Tcheca, Praga, Catedral de São Vito: um espinho da coroa, incrustado na cruz da coroa de São Venceslau, parte do tesouro da coroa boêmia.

França, Paris, Catedral de Notre-Dame: a relíquia da coroa de espinhos, o exemplar mais considerado original, é hoje guardada no tesouro da Catedral de Notre-Dame de Paris e é exposta para veneração dos fiéis toda primeira sexta-feira do mês, bem como toda sexta-feira da Quaresma e

na Sexta-feira Santa. Apesar do incêndio de 15 de abril de 2019 em Notre-Dame, ela não sofreu nenhum dano.

França, Sainte-Chapelle: parte da coroa de espinhos.

Alemanha, Catedral de Trier: um espinho da coroa.

Alemanha, Colônia, Museu Diocesano de Kolumba: um espinheiro-coroadado, doado por Luís IX aos dominicanos de Lüttich, e um segundo espinheiro do tesouro da igreja de Santa Kolumba.

Alemanha, Elchingen, igreja beneditina da Abadia de Elchingen: uma coroa de espinheiro chegou em 1650/51.

Itália, Catedral de Ariano Irpino: relíquia contendo dois espinhos da coroa.

Itália, Ascoli Piceno, Igreja de San Pietro Martire: um espinho da coroa.

Itália, Avellino, Catedral da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria: relíquia contendo um espinho da coroa.

Itália, Bari, Basílica de São Nicolau: um espinho da coroa, doado em 1301 por Carlos II de Anjou, dedicado a São Nicolau.

Itália, Cefalù, Catedral de Cefalù: alguns espinhos da coroa doados por Rogério II da Sicília e outros posteriormente roubados e levados para Gratteri.

Itália, Enna, Catedral de Enna: um espinho da coroa.

Itália, Monreale, Catedral de Monreale: um espinho da coroa



doado por Filipe III da França à Catedral de Monreale, onde repousam parte dos restos mortais de seu pai, Luís IX da França.

Itália, Nápoles, Santa Maria Incoronata: um fragmento da coroa.

Itália, Lagonegro, Concatedral de San Nicola di Bari: um espinho da coroa.

Itália, Petilia Policastro, Santuário do Santo Espinheiro: o santo espinheiro foi doado em 1498 pela Rainha Joana de Valois da França, esposa do Rei Luís XII, ao seu confessor Dionisio Sacco, que decidiu levá-lo para o seu convento, Petilia. No entanto, ele só chegou a Petilia em 1523, graças ao Padre Ludovico Albo, e foi colocado na igreja do convento, então chamada Santa Maria dei Frati.

Itália, Pisa, Spedali Riuniti di Santa Chiara: um galho inteiro com espinhos da coroa.

Itália, Roma, Santa Croce in Gerusalemme: dois espinhos da coroa.

Itália, Roma, Santa Prassede: uma pequena parte da coroa.

Itália, Sabbioneta, igreja da Assunção: um espinho da coroa.

Itália, San Giovanni Bianco, Paróquia de San Giovanni Bianco: um espinho da coroa.

Itália, Sciacca, Igreja de San Michele: dois espinhos sagrados localizados na Igreja de San Michele Arcangelo. Esses espinhos foram doados por Leonor de Aragão, filha de João da Sicília, e seu marido, Guglielmo Peralta; sua autenticidade foi comprovada pelo então bis-

po de Agrigento, Matteo Fugardo, quando, em 31 de maio de 1386, ele emitiu uma bula papal por ocasião da inauguração da igreja e de parte do Mosteiro de Maria Santissima dell'Itria, conhecido como Badia Grande. Esses espinhos sagrados pertenceram à família real siciliana, à qual chegaram por meio da família D'Angiò.

Itália, Vasto, Igreja de Santa Maria Maggiore: um espinho da coroa.

Itália, Vicenza, Templo de Santa Corona: um espinho da coroa doado por Luís IX ao bispo de Vicenza, Bartolomeo da Brenganze, em 1260.

Espanha, Oviedo, catedral: cinco espinhos (originalmente oito) da coroa.

Espanha, Barcelona, catedral: um espinho na coroa.

Espanha, Sevilha, Iglesia de la Anunciación (Hermandad del Valle): um espinho da coroa.

Reino Unido, Museu Britânico, Londres: relicário do Espinheiro Sagrado; relicário de Salga, um espinheiro-coroado.

Reino Unido, Abadia de Stanbrook, Worcester: um espinho da coroa.

Reino Unido, Stonyhurst College, Lancashire: um espinho da coroa.

Estados Unidos, Capela de Santo Antônio, Pittsburgh: um espinho da coroa.

Ucrânia, Odessa, Mosteiro de Santo Profeta Elias: fragmento de um espinho de coroa.

Além das descritas acima, existem muitas outras relíquias ligadas à coroa de espinhos de Cristo, tantas que o estudioso francês Maurice de Mély contabilizou mais de se-

tecentas. Na realidade, muitas delas foram identificadas como relíquias de terceira classe, ou seja, são espinhos que, no entanto, não foram fisicamente separados da coroa, mas simplesmente entraram em contato com ela. Por essas razões, hoje parece cada vez mais difícil distinguir as relíquias autênticas derivadas da coroa daquelas criadas posteriormente como de terceira classe, precisamente porque é quase impossível rastrear a história exata de cada espinho individual.

A coroa de espinhos que inspirou ao cruzado francês e depois rei de Jerusalém, Godofredo de Bouillon, a frase inesquecível quando lhe propuseram que ele se coroasse rei de Jerusalém após a ter recuperado dos muçulmanos: “Eu não usaria uma coroa de ouro onde meu Rei usou uma de espinhos”. Por isso, quando finalmente os reis latinos daquele pequeno reino franco do oriente próximo resolveram usar a coroa, a mandaram fazer em ouro imitando uma de espinhos.

Podemos dizer que o significado mais profundo dessa coroa é o mal que veio para o bem. Quando Adão, expulso do Paraíso, recebeu de Deus a mensagem de que a Terra lhe produziria “espinhos e abrolhos” (Gn 3,18), os planos divinos fizeram com que esses mesmos espinhos postos em escárnio ao Redentor se tornassem meios da redenção do gênero humano. Assim, a coroa reflete um dos signos pascais mais profundos, a maldição do Edén tornou-se a bênção pascal, a vitória da morte para vida: “Cristo remiu-nos da maldição da lei, fazendo-se por nós maldição” (Gl 3,13). ●

***Padre Reinaldo Bento** é sacerdote incardinado na Diocese de Osasco (SP).